

# AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EM ZÉ DOCA-MARANHÃO

Gerson LINDOSO (1); Ana SANTOS (2); Dhemesson SILVA (3); Fernanda SILVA (4); Paulo LOPES (5)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA, Campus Zé Doca, Rua da Tecnologia, nº 215 Vila Amorim, Zé Doca-MA.; e-mail: [gersinhu@hotmail.com](mailto:gersinhu@hotmail.com); (2) IFMA, Campus Zé Doca, Rua da Tecnologia, nº 215 Vila Amorim, Zé Doca-MA.; e-mail: [Ana\\_winks\\_anjo@hotmail.com](mailto:Ana_winks_anjo@hotmail.com) (3) IFMA, Campus Zé Doca, Rua da Tecnologia, nº 215 Vila Amorim, Zé Doca-MA.; e-mail: [dhemesson@hotmail.com](mailto:dhemesson@hotmail.com) (4) IFMA, Campus Zé Doca, Rua da Tecnologia, nº 215 Vila Amorim, Zé Doca-MA.; e-mail: [fernandabarros@hotmail.com](mailto:fernandabarros@hotmail.com) (5) IFMA, Campus Zé Doca, Rua da Tecnologia, nº 215 Vila Amorim, Zé Doca-MA.; e-mail: [pricardolima@hotmail.com](mailto:pricardolima@hotmail.com)

**RESUMO:** As religiões afro-brasileiras podem ser categorizadas como sobrevivências culturais africanas na diáspora, a partir de todo um conjunto de tradições, costumes, ensinamentos e fé em um culto a divindades espirituais transplantado para nosso país. Temos como aspecto caracterizador dessas religiões a sua diversidade e identidades próprias estribado em alguns pontos relevantes (nação, língua, vestimentas, entidades espirituais, etc.). O presente trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise antropológica das religiões de matriz africana na cidade de Zé Doca-Maranhão. Afirmamos que a pesquisa de extensão proposta (teórico-prática) se trata de um diálogo com as comunidades terreiro da cidade no intuito de identificar as principais matrizes, os seus espaços sagrados e seus principais agentes, traçando de início e ao mesmo tempo resgatando parte de sua história por meio de incursões de campo. No contexto metodológico utilizamos a observação-participante como ferramenta intrínseca na busca de informações e conhecimentos específicos. Postulamos que os estudos antropológicos no atual campo de pesquisa necessitam ser mais aprofundados e desenvolvidos para que essas religiões sejam mais visibilizadas socialmente.

**Palavras-Chave:** Religiões Afro-Brasileiras, Tambor de Mina, Umbanda, Pajelança, Zé Doca-MA.

## 1. INTRODUÇÃO

O referente tema ou a temática voltada para o universo afro-brasileiro ou os estudos afro-brasileiros, tomando como base ou foco a ‘religião’ nesse artigo parte do projeto de extensão desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA-Campus Zé Doca coordenado pelo professor Msc. e antropólogo Gerson Carlos P. Lindoso. Ponderamos que o projeto de extensão intitulado ‘**Religiões Afro-Brasileiras e Sociedade Zedoquense**’ é formado de início por alunos de ensino médio tendo como objetivo básico fazer um diálogo ou uma conversa com os principais atores sociais provenientes das comunidades-terreiro do município de Zé Doca, identificando e visualizando os tipos ou matrizes afro-religiosas presentes nessa cidade.

É importante ressaltar que essa visualização de imediato dessas religiões vai de encontro com a própria sociedade zedoquense e suas inúmeras acepções ou representações acerca desses grupos sociais e suas culturas específicas. Em grande parte das vezes os ‘estereótipos negativos’ e os ‘preconceitos’ dificultam a compreensão dos seus sistemas simbólicos e de sua organização estrutural, inclusive dentro das próprias instituições de educação/ensino (escolas, institutos, academia, etc.) não deixa de existir um certo ‘distanciamento’ ou ‘silenciamento’ quando o assunto gira em torno das religiões afro-brasileiras ou Antropologia da Religião.

O caminho em torno de qualquer tipo de investigação científica (pesquisa em si) é permeado por problemas e dificuldades sendo que nesse campo também encontramos muitas delas sem nenhuma exceção. Os estigmas sociais referentes as religiões afro-brasileiras podem ser percebidos de início na área mais central ou urbana de Zé Doca, que apresenta um percentual de

população com mais de 40.000 habitantes (CIDADE DE ZÉ DOCA, 2010) segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas no ano de 2009.

Zé Doca é um município maranhense localizado na microrregião do Pindaré, mesorregião do oeste maranhense, criado em 1988, sendo fundado por volta da década de 50 por José Timóteo Ferreira e sua família do Ceará.

## **2. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

As influências das religiões afro-brasileiras, particularmente as heranças africanas no estado do Maranhão estão muito presentes e são elementos constituintes e estruturais da própria cultura, onde a religiosidade marca ou explicita muitos aspectos interessantes para serem analisados, a exemplo dos espaços-terreiros promotores de rituais, crenças, práticas afro-religiosas e também de cultura popular (organizando manifestações e brincadeiras culturais). Na verdade, ponderamos que no Maranhão a religiosidade ou as religiões de matriz africana estão intimamente ligadas ao universo da cultura popular, pois grande parte das pessoas praticantes dessas religiões organizam e participam de brincadeiras, manifestações e grupos folclóricos maranhenses. (FERRETTI, S., 2002).

A religião afro nas suas mais variadas matizes acaba sendo um aspecto especial e estruturante da cultura brasileira de modo geral, tendo destaque a contribuição das culturas negras para a sua formação (SILVA, 2005). Desde a primeira metade do séc. XVI, chegaram ao Brasil para serem escravizadas e marginalizadas um contingente expressivo de populações negras e, junto com elas, uma infinidade e uma rica gama de culturas. Posteriormente a sua chegada houve a disseminação de um arsenal cultural crescente (língua, modos de vestir, costumes, tradições, culinária, dança, etc.) desses povos em nosso país, inclusive no seu aspecto religioso (Id, Ibid).

O Estado do Maranhão é um dos estados brasileiros que apresenta um número considerável de pessoas de cor ou negros, afro-descendentes, ladeado por outros estados como Bahia (cidade de São Salvador) e Rio de Janeiro, tendo muitas influências culturais negras em nossa cultura local. Lima (1981, p. 115) afirma que o Maranhão foi um dos que mais importou negros africanos no período colonial brasileiro, tendo uma população majoritariamente de cor, utilizando essas pessoas no período da escravidão para trabalhos domésticos, plantações de algodão, arroz e cana-de-açúcar.

Queremos destacar que os negros africanos trazidos para o Estado do Maranhão pertenciam a variadas culturas no continente africano, assim como aqueles que foram enviados para outras partes do país também promovendo um grande caldeirão cultural com misturas propositais por parte dos responsáveis pelo tráfico negreiro. Negros de procedências diferentes como os jeje ou fons do Abomei (Benin, ex-Daomé); os nagô de Abeokutá, de nação Egbá, além de outras etnias ou grupos, dentre eles os Tapa ou Nupé, Cacheu, Balanta, Bijágós, Manjaros, Nalus, Felupes, Mandingas, Cambindas, Congos e Angolas de variadas nações vieram trabalhar aqui como escravos (FERRETTI, S. 2005, p.3).

No Brasil as religiões de matriz africana a princípio eram conhecidas e uniformizadas pelo termo 'calundus', batucajés, batuques e com o passar do tempo, africanos e brasileiros foram organizando grupos religiosos específicos sendo localizados em vários estados brasileiros como o Candomblé na Bahia, o Tambor de Mina no Maranhão, o Xangô em Recife, o Batuque no Rio Grande do Sul, a tão conhecida Umbanda no Rio de Janeiro, entre outras formas religiosas. A princípio estas categorizações ou denominações estiveram atreladas de modo enfático a um determinado estado brasileiro ou lugar de fixação, onde cada uma delas adquiriu com o passar do tempo um modo de expansão específico, suplantando essa idéia de lugar-origem muito presente nos momentos iniciais de suas instalações no Brasil.

Tambor de Mina é a religião de matriz africana a princípio estabelecida em terras maranhenses em meados do séc. XIX, tendo como aspecto importante a fundação de templos de matriz africana, destacando-se entre eles, dois terreiros que resistem até os dias atuais: a Casa das Minas (nação Jeje Daomeana) e a Casa de Nagô (Nação Nagô) (FERRETTI, M., 1985, 2000).

É importante salientar que essas duas casas de Mina serviram como base e até mesmo como modelo-padrão para a organização e estruturação de outros terreiros de Mina no Maranhão e fora dele, onde também não podemos esquecer a descendência de bases africanas do extinto Terreiro do Egito, fundado por uma negra (Basilia Sofia ou Massinokou Alapong) em terras maranhenses.

Ferretti, M. (1985, p.37) analisa a matriz afro ‘Tambor de Mina’ como uma religião de descendência africana desenvolvida no Estado e praticada em locais especializados e específicos para essa finalidade ‘casas de Mina’ sendo estática e iniciática, a partir da incorporação de entidades espirituais (voduns, orixás, encantados e caboclos). Os voduns e orixás são entidades de origem africana, basicamente das culturas Jeje Daomeanas e das Nagôs iorubanas respectivamente.

Uma das características fundamentais, assim como as demais matrizes de origem africana é o transe ou a possessão, que usualmente costuma ocorrer em rituais onde as entidades espirituais homenageadas e cultuadas são invocadas e ‘recebidas’ (incorporadas) pelos filhos e filhas-de-santo, líderes afro-religiosos (pais e mães), na maioria das vezes mulheres (FERRETTI, S., 1996, p.160). A identificação dessa matriz afro no Maranhão também é muito conhecida como ‘brinquedo de Santa Bárbara’, expressão que se refere aos toques ou festas de Tambor de Mina (FERRETTI, S., Id Ibid).

Os terreiros ou comunidades afro-religiosas de Tambor de Mina no Maranhão começam a se estabelecer ou serem organizados no Estado, a partir da primeira metade do séc. XIX, como em outras partes do Brasil. Uma das hipóteses de Ferretti, S. (Id, p.163) é de que os terreiros de Mina tenham os seus modelos de organização inspirados em quilombos e sociedades secretas africanas, na maçonaria e em irmandades católicas. Essa observação é importante, pois pelo que constatamos no Tambor de Mina ao longo de nossas pesquisas é que os assuntos da religião são tratados com muito cuidado e atenção, onde os membros do grupo costumam evitar discussões, comentários e diálogos de ‘coisas internas’, muitas vezes ‘segredos’ do contexto ritual da casa na frente de estranhos.

Marcas interessantes e de identificação dos quilombos e das comunidades religiosas é que eles vão refletir o espírito associativo e de organização desenvolvido pelos negros durante o cativeiro (escravidão), onde valores de resistência cultural à marginalidade foram gerados (FERRETTI, S, Id Ibid).

Uma outra vertente afro-religiosa no Maranhão de procedência africana ligada a nossa cultura é o **‘terecô ou mata’**, vertente afro com influências de tradições banto5 (Angola e Cambinda) e não jeje-nagô como usual (cidade de São Luís) sendo muito conhecida por algumas outras expressões ‘tambor da mata e Bárbara Soeira’ (FERRETTI, M., 2000, p.90).

Alguns municípios maranhenses como Codó, Caxias e um povoado de Codó Santo Antônio dos Pretos são muito citados e relacionados com o Terecô ou ‘Mata’, onde essa matriz é analisada por Ferretti, M. (2001, p.102) como muito perseguida pela polícia, hostilizada pela igreja católica e evangélicas, tendo sua organização surgido parece que primeiro nos povoados negros, Santo Antonio dos Pretos.

A Cura ou pajelança é também muito praticada no interior do Estado e com aproximações ou relações com o tambor de Mina, sendo uma vertente muito associada às práticas terapêuticas, uso de ervas, infusões, chás e uma série de remédios naturais e associados ou combinados com a medicina tradicional, a ‘Cura ou Pajelança’ tem na figura dos ‘pajés’ (masculinos ou femininos) seus chefes ou representantes. Essas medidas terapêuticas utilizadas pelos curadores ou pajés nunca muito bem vista pelos médicos e defensores da medicina tradicional, que rechaçavam constantemente essas práticas desenvolvidas pela pajelança, taxada de charlatanismo, curandeirismo, etc., fazem parte do contexto afro-religioso maranhense agregada aos terreiros de Mina.

Não podemos deixar de mencionar a Umbanda que hoje em dia conta com inúmeras tendas, centros ou terreiros tanto na capital de São Luís quanto no interior do Estado do Maranhão. A fundação da Umbanda ocorre no sudeste do país, especificamente na cidade do Rio de Janeiro por um grupo de espíritas kardecistas de classe média, que

incorporaram tradições afro-brasileiras em suas práticas religiosas (BROWN, 1985, p.9).

Particularmente, falamos da figura de Zélio de Moraes considerado o criador e pai da Umbanda a mando de uma de suas entidades espirituais, o caboclo sete encruzilhadas. Na verdade, podemos caracterizar a Umbanda como uma religião à brasileira tendo suas raízes em nosso país, mas concentrando elementos e características diversas (africano, espírita kardecista, oriental, indígenas, etc.), diferente do Tambor de Mina, Candomblé, Batuque, Xangô, etc., matrizes que têm um histórico fundante baseado em elementos trazidos do continente africano.

De modo mais incisivo a pesquisa sobre o universo afro-religioso zedoquense está em fase de desenvolvimento com nossos contatos sendo solidificados por meio da pesquisa de campo de todos os envolvidos nessa proposta de diálogo científico com essas comunidades-terreiro. A observação-participante como método antropológico tradicional de pesquisa é um dos meios mais seguros que temos para acompanhar esse fenômeno social chamado religião aliada a outros modos investigativos como a pesquisa bibliográfica específica, as entrevistas, conversas informais, diálogos, registros sonoros e fotográficos, aplicação de questionários, etc.

Os nossas primeiras impressões é que esse campo de pesquisa no interior do Estado do Maranhão precisa ser reavaliado e analisado mais profundamente, devido a riqueza que existe dentro dos variados terreiros de religião afro nesses locais, a exemplo da própria cidade de Zé Doca. Notamos que o diálogo com os terreiros zedoquenses é extremamente necessário, pois vai tentar clarear, despertar e conscientizar a sociedade local para a importância do terreiro como espaço sagrado e religioso promotor de culturas e peça fundamental constituinte da própria cultura brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Diana. **Uma história da Umbanda no Rio**. In: Umbanda e Política. Cadernos do ISER, nº18. Rio de Janeiro: Editora Marcos Zero, 1985

CIDADE DE ZÉ DOCA. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9\\_Doca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9_Doca). Capturado em: 05/07/2010.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 1996.

\_\_\_\_\_. **Orixás e Voduns Nagô no Maranhão**. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. São Luís, nº33, Dezembro de 2005.

FERRETTI, Mundicarmo. **De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto. Mina, uma religião de matriz africana**. São Luís: SIOGE, 1985.

\_\_\_\_\_. **Desceu na Guma: o caboclo do tambor de Mina em um terreiro de São Luís- a Casa Fanti-Ashanti**. São Luís: EDUFMA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?** São Paulo: Siciliano, 2001.